

LUGARES INESPERADOS

Rochelle M. Pennington

Ao longo do tempo, tenho observado que as lições mais profundas da vida são aprendidas nos lugares mais inesperados, como uma quadra de beisebol da Liga Amadora do bairro.

O primeiro jogo da temporada de nosso filho foi marcado para uma noite no princípio de maio. Como essa liga, em particular, incluía alunos da sexta à oitava série, nosso filho mais velho já era veterano do time, e o mais novo, na sexta série, acabara de ingressar.

Como de costume, a arquibancada estava repleta de pais, quando cheguei e sentei-me na terceira fileira, contando de cima para baixo. Sentado entre um garoto com o rosto todo melado de algodão-doce e a mãe de algum jogador, chequei o placar. Já estava na quarta jogada. Prevendo que eu chegaria atrasado, os meninos me instruíram, previamente, a olhar para as posições de jogador da primeira base e de receptor. Estava prestando atenção nos dois, quando notei que Jason Voldner, era o lançador.

Jason era, sem dúvida, o garoto mais estimado do time, mas,leticamente, sua participação limitava-se às posições da direita e ao banco de reservas - mais a segunda que a primeira, infelizmente. Com muitas horas de experiência como expectador (não só nas arquibancadas de um campo de beisebol, mas também nas arquibancadas da vida), conheço muitas versões de Jason Voldner.

Os Jasons do mundo aparecem para o primeiro treino, em um domingo pela manhã, com as luvas preparadas. Após a longa espera pela "chance de jogar bola", vão para casa com o coração pesaroso, lembrando-se do menino que conseguiu bater forte na bola e do outro que soube fazer a jogada certa.

A habilidade não existe somente para ser reconhecida, mas também para ser utilizada, fazendo com que os jogadores que se destacam tornem-se cada vez melhores, enquanto os Jasc.ms esperam sua vez de jogar. Seu tempo de jogo não é somente limitado, mas também condicional: somente se o time estiver ganhando.

Caso contrário, os Jasons simplesmente esperam pela hora de ir embora. Ali estava Jason Voldner, arremessando a bola no maior jogo de sua vida.

Percebi que "aquela mãe" a meu lado era a mãe dele.

- Que talento! - disse-lhe. - Nunca havia visto seu filho arremessar.

Com a voz tranquila, ela respondeu:

- Nem eu.

Então, ela contou-me esta história:

Há quatro anos, ela dirigiu um carro cheio de meninos, inclusive Jason, até aquela mesma quadra de beisebol para o primeiro treino da primavera. Pouco antes de anoitecer, sentou na varanda esquivando-se da chuva e aguardando outra mãe que traria os meninos de volta do treino. Assim que a raiz chegou, Jason desceu.

"Seu rosto era uma combinação de manchas de sujeira e de chuva e, embora conseguisse disfarçar para os outros, percebi que estava chateado", disse-me.

"Pensei que estava machucado", ela continuou, "mas não era esse o problema." Até o momento em que o levou para dormir, não havia descoberto o motivo de sua dor.

"Horas depois, fui acordada por fortes soluços. Era Jason. Em meio a lágrimas, consegui dizer algumas palavras que me fizeram entender a história: 'esperando', 'oitava série', 'cansado de jogar em posição ruim', 'oitava série'." Após acalmá-lo, ela ouviu a explicação de que Matthew, da sexta série, jogaria na segunda base "porque seu pai era o treinador"; John, da sexta série, jogaria na defesa, "porque era amigo de Matthew"; e Brian, outro aluno da sexta série, seria o novo receptor, "porque seu irmão estava no time".

"Estava começando a me zangar e a imaginar aonde essa história iria chegar, pois Brian era meu filho mais novo. 'Não é justo, não é justo!', ele dizia." O coração de sua mãe ficou partido ao ouvir essas palavras.

Empatia não é a expressão exata para definir o sentimento de um pai ou de uma mãe numa situação assim. Deveria existir outro termo para uso exclusivo dos pais.

"Meu filho esperava que eu concordasse com ele", continuou a mãe de Jason, "mas eu tomei a dura decisão de não fazê-lo.

Temos de tomar muito cuidado quando lidamos com as emoções negativas de alguém. Concordar com o que dizem pode parecer o melhor meio de ajudar, mas, na realidade, é uma maneira de reforçar sentimentos negativos. Então, expliquei-lhe que deveria confiar nas decisões do treinador. Lembrei a ele, também, de que sempre víamos os três garotos que mencionou treinando na quadra da esquina. Disse-lhe que ser escalado para o jogo não era apenas questão de estar na sexta ou na oitava série, mas sim de muito treino e de capacitação; não era o caso de um tratamento preferencial. Ao longo da vida, ele encontraria pessoas talentosas: na quadra de esportes, na sala de aula, nos escritórios. 'Será que isso significaria a incapacidade de conseguir ter o que essas pessoas alcançaram? Claro que não. Simplesmente teria de se esforçar muito. O ressentimento, a culpa e as desculpas somente corrompem o potencial' Finalmente, naquela noite, a mãe de Jason o colocou de volta na cama, cobriu-o e lhe disse:

"- Você está desapontado porque o treinador não acredita em você, mas tem que ser o primeiro a acreditar em si mesmo. O treinador distribuiu as posições com base no que viu; se você deseja uma posição melhor, prove que é capaz." Após dizer essas palavras, ela o beijou e lhe desejou um boa noite.

A mãe de Jason, ao acabar de contar-me essa história, sorriu e disse:

- Naqueles poucos momentos, eu e Jason conversamos mais do que nas semanas seguintes, quando ele somente me deixava recados sobre a mesa da cozinha: "Fui treinar, vou provar a ele".

- Ela fez uma pausa e arrematou: - E ele conseguiu.

Sim, ao longo do tempo, tenho observado que as lições mais profundas da vida são aprendidas nos lugares mais inesperados -lugares

como a quadra de beisebol da Liga Amadora do bairro, sentado na arquibancada na terceira fileira, contando de cima para baixo.